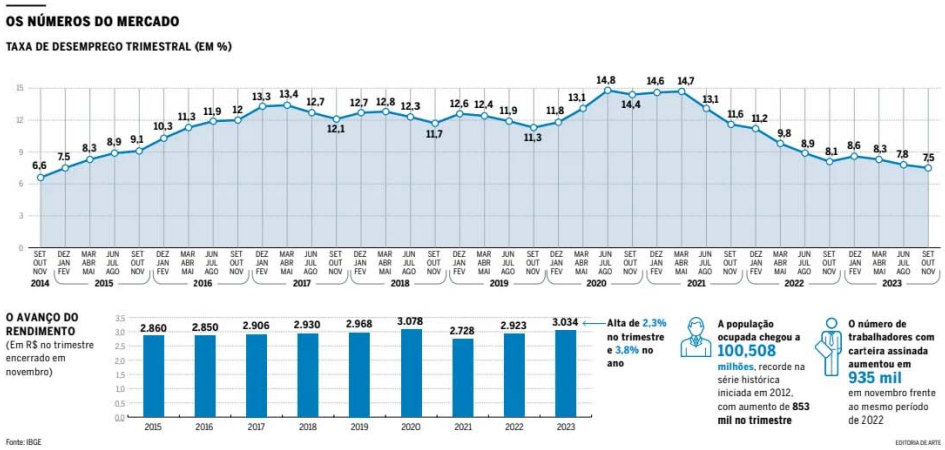
O GLOBO
Publicado em 30/12/2023 - 05:57

País tem recorde de empregados e alta no salário médio



O MENOR ÍNDICE DESDE 2015

DESEMPREGO EM QUEDA

Taxa cai para 7,5% em novembro, mas geração de vagas deve ser menor em 2024

VINICIUS NEDER E LUANA REIS*
economia@oglobo.com.br

Com mais um avanço no total de ocupados — que superou 100 milhões de pessoas, um recorde — a taxa de desemprego ficou em 7,5% no trimestre encerrado em novembro, ante os 7,6% registrados no trimestre até outubro. É a terceira queda consecutiva, informou ontem o IBGE, ao divulgar a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua. Além disso, a renda média do trabalhador avançou 3,8% na comparação anual, para R$ 3.034.

A taxa é a menor desde fevereiro de 2015, quando ficou também em 7,5%. Para trimestres encerrados em novembro, é a menor desde 2014, quando estava em 6,6%, mas a tendência agora é que a melhora perca fôlego nos próximos trimestres.

A melhora no mercado de trabalho foi puxada pelo aumento de 0,8%, em um ano, no total de empregos. A população ocupada atingiu 100,5 milhões, renovando o recorde histórico, com 815 mil pessoas a mais do que no mesmo período do ano passado. O destaque foi o número de empregados com carteira assinada, que chegou a 37,7 milhões, com a criação de 935 mil postos em um ano. É o segundo melhor resultado desde 2012.

Também caiu o número de desempregados. Eram 8,2 milhões em novembro, 539 mil a menos que há um ano. É o menor número de pessoas na fila do desemprego desde de abril de 2015, quando havia 8,15 milhões de pessoas nessa condição.

O mercado de trabalho vem, nos últimos meses, em uma dinâmica positiva, na avaliação de economistas. Bruno Imaizumi, economista da LCA Consultores, explica que a taxa de desemprego, medida pela Pnad Contínua, poderá até aumentar um pouco, mas por um motivo positivo.

O economista explica que a pandemia de Covid-19 provocou uma mudança que parece ser estrutural em vários países, que é diminuição da força de trabalho, em parte porque há menos idosos trabalhando. Com isso, a taxa de participação — a parcela da força de trabalho no total de pessoas com idade para trabalhar — ficou em 62% no trimestre, abaixo da média de antes da pandemia.

INFORMALIDADE CRESCE

Se a participação estivesse hoje no nível de 2019, a taxa de desemprego estaria perto de 10%, estimou Imaizumi. Para 2024, ele espera aumento tanto do emprego quanto da participação, com mais gente entrando no mercado:

— O que está acontecendo em 2023 é o último passo pós-crise, com a migração de postos informais para formais. Isso continua acontecendo, e devemos ter uma perda de ímpeto da ocupação em 2024. Continuará positiva a evolução, mas de maneira mais lenta.

Com o mercado normalizado e o total de ocupados na máxima histórica, agora é preciso que haja novos motores para puxar a melhoria no mercado. E esse motor deveria vir de um crescimento econômico mais robusto, o que não deverá ocorrer em 2024.

— O ponto que foi determinante para o mercado de trabalho ser mais forte do que o esperado ao longo de 2023, uma atividade econômica também mais forte do que o estimado, deverá ser mais fraco no ano que vem. Assim, o mercado de trabalho deverá andar um pouco mais de lado, com a taxa de desemprego em torno de 8% — afirmou Rodolpho Tobler, pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas (FGV Ibre).

Para paulistana Sofia Andreassa, de 26 anos, o ano foi positivo. Apesar de ter sido demitida em maio da agência de relações públicas onde trabalhava, conseguiu, menos de um mês depois, emprego em outra empresa, com a mesma faixa salarial.

— Acho que a área de comunicação tem sempre muita vaga aberta, só que nem sempre são vagas boas. Vai muito da necessidade do profissional aceitar ou não o que está disponível. Eu não tenho do que reclamar porque, desde que comecei a trabalhar, o máximo de tempo que fiquei fora do mercado foi cinco meses — conta Sofia, que se formou na faculdade no fim de 2020.

Adriana, do IBGE, ressaltou que, sazonalmente, é comum haver aumento no emprego a cada fim de ano, com a abertura de vagas temporárias para dar conta do aumento da demanda no período das festas, especialmente no varejo. Só que, neste ano, parece ter havido uma quebra no padrão, disse Adriana. O comércio fechou 10 mil vagas. A indústria (com 369 mil postos a mais) e a construção civil (mais 199 mil ocupados) foram os setores que puxaram o emprego.

ARQUIVO PESSOAL

Mercado aquecido. Sofia conseguiu um novo emprego em menos de um mês

Para Adriana, isso pode estar relacionado a mudanças no padrão de consumo, com vendas sendo antecipadas para a Black Friday, no fim de novembro, e o comércio eletrônico, que emprega menos mão de obra, ganhando participação em detrimento das lojas físicas.

De qualquer forma, segundo a pesquisadora do IBGE, essa composição explica um crescimento mais ou menos generalizado no emprego. A indústria puxou a geração de vagas formais, enquanto a construção, que inclui também os reparos e as pequenas obras, serviços costumeiramente prestados por profissionais por conta própria, estimula novas ocupações informais.

Na comparação com um ano antes, o setor de informação, comunicação e atividades financeiras liderou o crescimento do emprego, com a geração de 486 mil postos de trabalho, um avanço de 4%.

Juan Cardoso, de 20 anos, foi contratado em setembro passado como assistente de orçamento em uma cooperativa de crédito. Ele estuda Ciências Contábeis desde 2021 e, até ser contratado, trabalhava na empresa como estagiário há cerca de um ano. Um mês depois, a sua antiga vaga também foi preenchida.

— Vou me formar no segundo semestre de 2024, mas abriu uma vaga na empresa e me contrataram para poder ajudar com as demandas da área — conta Cardoso, que mora em Ceilândia, no Distrito Federal. — Acho que as oportunidades são um pouco complicadas nessa área pelos requerimentos técnicos, mas no nível iniciante e estágio é mais fácil. Sempre vejo vagas na área de crédito e orçamento.

A informalidade também cresceu. Foram 592 mil trabalhadores informais a mais em um ano, levando o contingente a um total de 39,4 milhões. Com isso, a taxa de informalidade foi de 39,2% da população ocupada, contra 38,9% em igual período de 2022.

RENDA DO TRABALHO SOBE

Já o rendimento médio do trabalhador ficou em R$ 3.034, alta de 3,8% em relação a um ano antes. Frente a agosto, houve avanço de 2,3%.

Com isso, a massa salarial — a soma de todos os rendimentos dos trabalhadores — chegou a R$ 300,2 bilhões, novo recorde da série histórica da Pnad Contínua, iniciada em 2012. Houve avanço de 4,8% em um ano.

Por isso, Adriana, do IBGE, não descarta novas surpresas positivas ao longo de 2024. Isso porque o próprio mercado de trabalho mais forte poderá impulsionar a demanda na economia.

— O ano de 2024 vai ser um ano em que o mercado, não só financeiro, já vai operar num ambiente de juros menores, de crescimento de trabalhadores formais de modo geral, com carteira, e isso pode, sim, sustentar e até mesmo impulsionar mais o crescimento do emprego — disse a pesquisadora.

Em relatório divulgado ontem, a XP Investimentos ressaltou que "o mercado de trabalho brasileiro permanece sólido, apesar da desaceleração no emprego em um contexto de crescimento econômico mais moderado". A XP projeta taxa de desemprego de 7,8% no fim deste ano, com alta para 8,3% no fim de 2024, já considerando cálculos de ajuste sazonal, que o IBGE não faz. (*Estagiária, sob a supervisão de Luciana Rodrigues*)

> *"Devemos ter uma perda de ímpeto da ocupação em 2024. Continuará positiva a evolução, mas de maneira mais lenta"*
>
> **Bruno Imaizumi,** economista da LCA Consultores

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Economia **Pagina:** 13

Copyright © Clipclap 2025.